

Economista diz que País será quarta potência

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O futuro do Brasil "é róseo" e o País poderá chegar ao ano 2000 como a quarta economia do mundo, na frente da França, reduzindo os atuais 33% de desempregados e subempregados a apenas 5%. Esta é a opinião dos economistas que discutiam ontem, no auditório do Palácio do Planalto, "O Brasil na virada do Século".

O otimismo dos economistas não foi acompanhado pelos cientistas políticos, como o professor Hélio Jaguaribe, que disse não ser possível analisar apenas "os números frios do economês, pois, se o Brasil não fizer algo sério e imediato no plano social e da distribuição de renda, nem chegaremos ao final do século, atropelados pela convulsão social".

Nos debates finais, a vedete foi a mãe solteira e desempregada Sandra Silva Santos, 27 anos, representante do Movimento da Mulher da cidade-satélite de Sobradinho (DF), que desafiou a mesa de debates, "formada só por homens e sem nenhuma economista autêntica, como é a dona-de-fasa pobre; desafiar a mesa de debates a achar uma solução imediata para a miséria dos brasileiros. 'Vocês, economistas, falam bonito, mas nós estamos com fome e sem ter onde morar; como esperar até o ano 2000 para receber o que estão prometendo?' — perguntou ela.

Para o economista Júlio Mourão, do BNDES, o Brasil deve adotar a política econômica de desenvolver seu mercado interno, "que nos possibilitará crescer na média de 8% ao ano até o final do século, com a renda per capita passando de US\$ 2.000 para US\$ 4.400, e nosso PIB passando do oitavo do mundo para o quarto, só atrás dos Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental".

Mourão disse que o baixo coeficiente de importações atual, que é de apenas 6% do PIB, não representará nenhum problema, "pois os Estados

Unidos se transformaram em grande potência entre 1930-70, com um coeficiente de importações variando de 3,5% a 4,5% do PIB". Para Júlio Mourão, o Plano Cruzado já começou a dividir a renda e a aumentar os salários reais, que possibilitarão integrar automaticamente ao processo produtivo e de consumo "os 33% da população atual que estão marginalizados". O único desafio para ele é repensar o desenvolvimento energético.

O professor Antônio Barros de Castro também está otimista, achando que o Brasil atual tem todas as condições para iniciar um desenvolvimento acelerado, "com uma mão-de-obra preparada para o desafio e um parque industrial moderno, junto com uma infra-estrutura de serviços razoável". Ele acha que o Brasil não deve cair no neoliberalismo econômico, mas seguir seu próprio modelo, sem tentar fugir aos seus compromissos com a dívida externa. "Nisso sou pessimista — afirmou — pois não acredito que possamos nos desenvolver sem aceitar as regras internacionais impostas por nossos credores."

O professor Barros de Castro acredita que o País pode crescer sem deixar de pagar a dívida, "pois podemos chegar a um PIB de US\$ 625 bilhões no ano 2000, contra os atuais US\$ 250 bilhões. Enquanto nossa dívida externa permaneceria estável na faixa dos US\$ 100 bilhões, ou seja, num patamar perfeitamente razoável".

Já o professor Hélio Jaguaribe não acredita em crescimento econômico "enquanto os banqueiros internacionais ditarem os juros que querem sobre nossa dívida externa, pois assim jamais chegaremos numa situação rósea no ano 2000". Ele defende também o aumento dos impostos, "porque atualmente eles representam a irrisória quantia de 22% do PIB e deveriam passar a 28%, a única coisa que possibilitaria uma ação verdadeiramente eficaz para desenvolver um plano social".